



PSICANÁLISE

Maria Luiza Dias

Suicídio e os testemunhos de adeus

2ª edição

Blucher

SUICÍDIO E OS
TESTEMUNHOS DE ADEUS

2ª edição

Maria Luiza Dias

Suicídio e os testemunhos de adeus

© 2024 Maria Luiza Dias

2ª edição – Blucher, 2024

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Juliana Morais

Preparação de texto Ariana Corrêa

Diagramação Plínio Ricca

Revisão de texto Regiane da Silva Miyashiro

Capa Laércio Flenic

Imagem de capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Dias, Maria Luiza

Suicídio e os testemunhos de adeus / Maria

Luiza Dias. – 2 ed – São Paulo: Blucher, 2024.

304 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2380-1

1. Saúde mental 2. Suicídio – Aspectos sociais

I. Título

24-1564

CDD 353.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Saúde mental

Sumário

Agradecimentos	9
Apresentação à 2ª edição	11
Prefácio	17
Introdução	23
I. A interpretação da literatura	27
II. São Paulo e o Centro de Valorização da Vida (CVV) – Samaritanos na cidade	73
III. As mensagens de adeus como objeto de análise	93
IV. O tabu da morte na sociedade ocidental e o imaginário suicida representado no material de adeus	105
V. O narcisismo nas mensagens de adeus	155

Conclusão	195
Referências	199
Bibliografia complementar	207
Anexos	211

Agradecimentos

A Renato Ortiz, orientador da pesquisa, por ter sempre acreditado que haveria um caminho, mesmo nos momentos mais difíceis; à Evelise que, na minha análise, enfrentou comigo os meus fantasmas; ao meu pai e à minha mãe pelo incentivo; a Puppi, Marcos e Raquel, do Instituto Pieron, pelo apoio e amizade; ao Dr. Pedro Tomás, ao Dr. Barth e à equipe de trabalho do Instituto de Criminalística no período de 1986-1988. No Setor de Protocolo, agradecimentos especiais a Wilma, Marta, Noemi, Maria Elisa e Elaine que, incansavelmente, me auxiliaram na procura dos laudos.

(In memoriam) aos suicidas que, por meio de seus depoimentos, contribuíram para o aprofundamento do tema.

Apresentação à 2ª edição

Era meados da década de 1980, quando participei de um evento que discutia o tema do suicídio e o Dr. Roosevelt Cassorla integrava uma das mesas redondas. Na sequência, escrevi-lhe pedindo a referência completa de texto mencionado que abordava a incidência de suicídio em sociedades tribais. Além da graduação em Psicologia, eu havia concluído a de Ciências Sociais, seguia estudando Antropologia no mestrado escolhido e sabia que o material sobre o fenômeno do suicídio era sempre raro. Esse era um tema que me inseria na Antropologia, mas não me retirava da atividade clínica como psicóloga.

Certo dia, já quase de saída para a universidade em que eu lecionava, fui surpreendida pelo interfone do apartamento. Era o Prof. Dr. Cassorla, que vindo de Campinas rumo à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), trazia-me cópia do texto em mãos.

Tive oportunidade de conversar com o Dr. Cassorla em meu próprio lar, onde eu passava tempos lendo mensagens de suicidas em forma de bilhetes, cartas ou gravações, de modo solitário. Senti-me acompanhada pela presença humana viva e impulsionada a continuar

com coragem minha investigação: o que vivia um ser humano ao desejar morrer, o que o movia a desistir da vida neste mundo, tal qual o conhecemos, para lançar-se na desconhecida morte?

Eu era muito jovem e fortaleci-me com a interlocução com alguém que também havia escolhido o tema do que um indivíduo faz de sua existência, com tanta seriedade e profundidade em seus estudos. Era difícil chegar do Instituto de Criminalística de São Paulo, onde fiz a coleta do material, e me haver sozinha com todas as vozes dos indivíduos suicidas que eu trazia para dentro da minha residência. Começamos um diálogo em que eu sentia que podia conversar com os mortos. E eles me pareciam tão vivos!

Lembro-me que ao colher os primeiros bilhetes e cartas, material raro que exigia muita busca em meio aos arquivos no Instituto de Criminalística, apresentei o material colhido ao meu orientador da pesquisa no andar da Pós na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), instituição em que ingressei no programa de mestrado em Ciências Sociais. Meu orientador, o antropólogo Prof. Dr. Renato Ortiz, impactado ao ler o material, perguntou-me: “O que fará com essas mensagens?”. Respondi ao professor: “Ainda também não sei, mas vou descobrir”.

Juntando meus conhecimentos de psicologia e psicanálise com meu repertório adquirido na antropologia e na atuação clínica como psicoterapeuta, somados à sabedoria no campo da antropologia do orientador da pesquisa, acrescido de sua ousada posição de ter me aceito para a empreitada da pesquisa nesse tema, seguimos com o trabalho, cujo título foi sugerido por ele, trocando o nome Mensagens para Testemunhos de Adeus. Foi muito oportuno, pois expressava bem o que eu pretendia ao delimitar o foco da pesquisa. Eu realmente acreditava que, ao colher as mensagens e ter acesso a seus dizeres, eu estaria convidada a estar diante dos sujeitos o mais próximo possível do que sentiam e pensavam ao desejarem morrer e realizar o ato autodestrutivo.

Assim, como podem observar, só tive no meu entorno pessoas portadoras de muitas riquezas interiores, corajosas no enfrentamento da vida, tal qual eu me sentia. Todos necessitamos agradecer a Marcelo Labaki Agostinho que impulsionou a segunda edição deste livro, amigo psicanalista, com quem compartilho atividades no Grupo Vincular – um grupo de trabalho e estudo do qual faço parte desde 2008, em Psicanálise de Casal e Família – e com quem convivi em encontros na área de Orientação Profissional, na Universidade de São Paulo (USP). Persistentemente incentivou-me a providenciar nova edição depois de 33 anos: a primeira edição data de 1991, houve a primeira reimpressão em 1997 e não sei se ocorreram outras posteriormente. Marcelo me informava periodicamente todos os preços de exemplares usados à venda pelos sebos brasileiros, com valores exorbitantes. Paralelamente, recebi ligações e e-mails de pesquisadores mestrandos e doutorandos oriundos de diversas universidades, solicitando ajuda para poder ler a obra, porque, esgotada, não conseguiam ter acesso. Graças ao Marcelo poderemos continuar a gerar interlocução em torno de um tema tão relevante para a sociedade atual. Trata-se de um fenômeno que não morre, pois onde há ser humano, há alegrias, mas também há dor no processo de viver.

Dr. Cassorla, compreendendo que já havia pesquisadores brasileiros com produção de pesquisas concluídas no tema, organizou o livro “Do suicídio: estudos brasileiros” e convidou-me a escrever um capítulo. Eu era uma autora jovem. Tinha acabado de assinar contrato com a Editora Brasiliense para a 1ª edição do livro e, a convite do Dr. Caio Prado, lancei-me a escrever na Coleção Primeiros Passos, o número 240: “O que é Psicoterapia de Casal e Família”. Esses foram meus primeiros textos que sedimentaram meu desejo de me desenvolver na comunicação escrita. Mais atos de coragem, porém protegida pela possibilidade de interação com pessoas generosas e acolhedoras.

No percurso da pesquisa, percebi que os suicidas das mensagens coletadas morriam para falar, fazendo do ato de morrer um ato de

linguagem. Consequentemente, eu também podia gerar diálogos significativos por meio das palavras escritas que de mim brotavam. Uma aventura que povoava meu mundo dando sentido à existência humana. Zelo pela vida de toda ordem. Somos um ser da natureza e penso que temos que respeitá-la, havendo muitas formas de gerar a vida. Penso que um dos grandes desafios contemporâneos se conecta com a necessidade de auxiliarmos as novas gerações.

A pesquisa divulgada por meio deste livro voltou-se ao universo adulto. Mais de três décadas depois, estamos nos debatendo com a crescente incidência de suicídio de jovens. Vivemos um mundo em que adolescentes estão se atirando pelas janelas e sacadas de prédios ou se matando, até mesmo, dentro das instituições escolares, como são os casos que têm ocorrido nas melhores escolas da cidade de São Paulo. Um fenômeno assustador, chocante, desesperador para pais e pessoas sensíveis, que lidam com uma geração sofrida, plena de desesperança. A automutilação, as autoagressões de toda ordem e o suicídio como forma extrema do sofrimento psíquico que empurra ao próprio óbito são expressões em ascendência no mundo contemporâneo.

Estaríamos diante de um sintoma social, muito além de uma patologia individual situada em um sujeito em particular? O advento da internet a que jovens muito precocemente tem acesso, na maioria das vezes sem que os pais tenham como restringir, estaria promovendo padrões da cultura nocivos, gerando imediatismo, desesperança, encapsulamento e ataque à alteridade, baixa tolerância à frustração e busca da imagem perfeita? Sem desconsiderar todas as boas contribuições que a possibilidade de navegação no ambiente da internet trouxe às novas gerações, precisamos lembrar que é nela que encontramos também jogos que promovem atos hétero e autodestrutivos e em que também se ensina o suicídio, como quando uma história em quadrinhos propõe a crianças que se enforcem; o jogo Baleia Azul se encerra com o suicídio do jovem jogador; ou o homicídio, quando

a personagem horripilante “Momo” manda crianças matarem seus pais. Que mundo é esse?

Nós somos o mundo e precisamos rever o que temos oferecido às nossas crianças e aos nossos jovens. Na cultura japonesa, à época dos samurais, um menino jovem era ensinado a como praticar o haraquiri para quando necessitasse se matar. Hoje a prática é proibida no Japão. Estaríamos instituindo o suicídio como uma prática a ser ensinada também no Ocidente, em que vivemos um bombardeio por excesso de informações e propagação de práticas destrutivas? Os *tablets* e jogos digitais vêm substituindo os jogos de tabuleiro e o brincar livre. Pais cansados, cada vez mais engolidos por suas jornadas de trabalho, muitas vezes permitem que seus filhos voltem utilizando os aplicativos de mobilidade de trânsito, no lugar de irem buscá-los no retorno de festas e acompanhá-los, por exemplo. Nunca vimos tanta falta da presença humana.

Se nos anos 1980 não contávamos nem com publicações na área e tínhamos que ler livros estrangeiros, nos dias atuais já possuímos vasto conhecimento produzido. É preciso contar com espaços de reflexão e intervenção na área. Karina Okajima Fukumitsu, que nos presenteou com a orelha deste livro, é uma das profissionais brasileiras que mais tem investido no acolhimento de famílias envolvidas com a experiência do suicídio. Em eventos na área, quando tenho a felicidade de ser sua convidada, Karina sempre é impulsionada a contar que fui sua primeira professora em suicidologia, lá nos anos incipientes. Com alegria observo que ela, de longe, superou sua mestra, ofertando no mundo contemporâneo um amplo e rico trabalho no campo, junto às famílias enlutadas, por exemplo. Hoje é ela que possui uma grande obra com diversos livros publicados e com muito amor se dedica ao tema, que eu diria que, na verdade, é sobre a vida. Coordenadora da Pós-graduação em Suicidologia: prevenção e posvenção, processos autodestrutivos e luto da Faculdade Phorte, reúne grande equipe voltada a esse trabalho. Precisamos nos multiplicar, sobretudo

romper o tabu e abrir o diálogo, ou ficaremos reféns da desesperança humana e do desamparo social.

Espero que a leitura da nova edição deste livro, que tanto mobilizou o empenho de diversas pessoas para que ele se transformasse em obra viva e circulável, o que devemos ser gratos à Editora Blucher, conduza a novas reflexões e amparo humano.

Maria Luiza Dias

Prefácio

A certeza da morte tem estimulado a humanidade a desenvolver recursos que combatam tudo aquilo que poderia antecipá-la. Busca-se investir em saúde, em cuidados com o corpo e com a mente, evitar e tratar doenças, enquanto se busca proporcionar as melhores condições para que a vida seja criativa.

A perplexidade em relação ao suicídio decorre dele ir em sentido contrário ao que desejamos. Por que alguém deseja morrer, se todos queremos viver e prolongar a vida?

Por outro lado, não nos sentimos perplexos frente às imensas desigualdades sociais e à desumanização de parte dos seres humanos. O mesmo ocorre com homicídios, violência e mesmo guerras. São situações naturalizadas, ainda que nos causem horror. É possível compreender alguns dos fatores envolvidos em sua origem e buscar formas de combatê-las, ainda que saibamos da utopia de seu desaparecimento.

Isso não acontece em relação ao suicídio. Se, nas situações anteriores, identificamos o fracasso dos vínculos amorosos entre os seres humanos, é difícil imaginar que elementos fazem o

indivíduo cortar o vínculo consigo mesmo, eliminando o que é mais valioso – a própria vida. O emaranhado de fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais tornam impossível acessar sua complexidade, que será diferente para cada indivíduo.

Por outro lado, sabe-se que o ser humano se defronta com um permanente conflito entre forças que o estimulam a viver criativamente e forças que sabotam essa possibilidade. A percepção da concomitância entre aspectos vitalizantes e destrutivos levou ao desenvolvimento de sistemas e crenças filosóficos e religiosos que visam a descrever, compreender e lidar com esse conflito. Deuses e demônios estão sempre em luta. A psicanálise, um dos referenciais deste livro, propõe o combate permanente entre Eros, a pulsão de vida e Tânatos, a pulsão de morte. Uma não existe sem a outra.

Lembremos que o ser humano se constitui no vínculo com o outro. Inicialmente dentro de sua família e, posteriormente, em sociedade. Utilizando o modelo de Eros e Tânatos, podemos descrever os vínculos positivos, aqueles que promovem desenvolvimento, agregando aspectos internos e conectando-os com a realidade externa, e os vínculos negativos, que atacam os vínculos positivos.

No suicídio, predominam os vínculos destrutivos, mas eles não anulam totalmente os positivos. O suicida não busca a morte, mas fugir de um sofrimento insuportável. Essa dor é vivenciada como uma espécie de tortura, que é sentida como vindo de sua mente, de seu corpo ou do meio social. Comumente, o indivíduo não consegue diferenciar as três instâncias, que se superpõem. Essa tortura pode ser real, mas, na maioria das vezes, ela decorre de transformações deformadas da realidade, fruto de vicissitudes emocionais que dificultam a capacidade de lidar com frustrações.

As fantasias conscientes e inconscientes do indivíduo que se mata podem envolver um outro mundo, um Paraíso, onde não existem sofrimentos, algo similar à vida intrauterina. Uma volta à mãe-Terra. A busca fantasiada desse mundo idealizado nos mostra como Tântatos pode valer-se de Eros, enganando-o, para cumprir sua função. Rompe-se o vínculo com a humanidade e cria-se um vínculo com o outro mundo.

Outra fantasia do suicida é manifestar seu ressentimento com um mundo que não o acolheu ou não o compreendeu. Ainda que a manifestação possa aparentar ser justa em situações extremas, verifica-se que – infelizmente – o indivíduo não teve condições de lidar com as limitações da vida devido a fatores próprios. Entre estes últimos encontramos a dificuldade de simbolizar as experiências emocionais em razão de insuficiências constitucionais ou ambientais do início da vida.

Outras vezes, o suicida tem a fantasia de que deve ser punido. Em geral, trata-se de mau funcionamento de sua mente, que exige uma perfeição desumana. Nessas situações também se encontram a melancolia, o luto patológico e outros transtornos mentais.

Como vimos, os fatores descritos são parciais e limitados. Eles poderão ser ativados ou reduzidos em função de situações ambientais e da capacidade do grupo social acolher e identificar precocemente o sofrimento humano. Sua ausência poderá tornar a pessoa indefesa, assolada por terrores incontrolláveis. No entanto, mesmo quando existe um ambiente acolhedor, o sofrimento pode não ser atenuado. Como o ato suicida suscita muita culpa no ambiente, há que se levar em consideração tanto suas limitações como a incapacidade do indivíduo de aproveitar a ajuda.

Como vimos, tanto nas situações em que identificamos, no suicida, uma busca de uma vida idealizada em outro mundo, uma

vingança ressentida em relação ao ambiente ou uma autopunição, o ato suicida é uma forma de comunicação, de vínculo, com o outro real ou imaginário. Quando a morte não ocorre, podemos responder a esse pedido desesperado de ajuda. Equipes multiprofissionais devem ser ativadas.

Portanto, o vínculo destrutivo é acompanhado também por um vínculo comunicativo. Essa comunicação pode ser efetuada de forma que o ambiente não a capta. Este, por sua vez, nem sempre se encontra preparado para identificar o sofrimento emocional.

Uma das formas de comunicar sofrimento pode ser por meio de bilhetes, cartas, gravações e vídeos. A internet, onde encontramos tanto grupos de ajuda como grupos destrutivos, tem servido para apoiar a vida e, em alguns casos – infelizmente – ensinar como matar-se.

Em situações extremas, a comunicação se tornará visível após a morte. Maria Luiza Dias, a autora deste livro, debruça-se sobre os testemunhos de adeus. São despedidas em que o indivíduo, de certa forma, se sentirá imortalizado em seus escritos ou gravações. São formas de manter os vínculos fantasiados. Que, infelizmente, cessarão com a morte.

O estudo pormenorizado dessas mensagens, efetuado em forma criativa, faz com que se iluminem facetas do que ocorre na mente do indivíduo que elimina sua vida. Medo, desespero, ressentimento, desejos, fantasias sobre a vida dos sobreviventes, desesperança, dúvidas, aparecem em forma clara ou confusa. O termo Testemunhos, utilizado pela autora, é muito feliz. Ao fazer-nos também testemunhas, permite que nos identifiquemos com o sofrimento. Veremos que ele é humano, tão humano quanto qualquer outro. E nos entristeceremos por defrontar-nos com a força de Tãtatos.

A formação privilegiada da autora, em Psicologia e Ciências Sociais – com uma brilhante carreira profissional e universitária –, permite que ela amplie suas ideias para além do estudo dos testemunhos. Maria Luiza nos brinda com um minucioso estudo sobre o tema suicídio, envolvendo considerações sobre a morte no decorrer dos tempos, na contemporaneidade e em várias culturas. Relata também sua experiência no Centro de Valorização da Vida e discute formas de prevenção.

O leitor está diante de um texto que, certamente, o fará pensar sobre as vicissitudes do viver. Boa leitura!

Roosevelt Cassorla

Professor Titular da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e Membro Didata das Sociedades Brasileiras de Psicanálise de São Paulo e de Campinas. Autor de *Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais* e *Estudos sobre suicídio: psicanálise e saúde mental*, ambos pela Editora Blucher.

Introdução

Sempre que se busca uma abordagem de compreensão do fenômeno do suicídio, seja pela visão médica, psiquiátrica, psicológica ou social, esbarra-se certamente no dilema existencial humano básico: se a vida vale ou não a pena ser vivida, a quem ela pertence e se deve-se acabar com ela por meio do suicídio.

Tentar compreender por que uma pessoa, de maneira impulsiva ou cuidadosamente planejada, escreve dizeres amorosos na sola do sapato para um namorado e se atira do Viaduto do Chá; ou acomoda seu revólver numa morsa de oficina, na garagem de sua residência, coloca a cabeça diante da arma e dispara; ou amarra um cordel de náilon no teto do banheiro e se enforca; ou ingere dezenas de comprimidos de uma só vez; ou por que uma criança se joga da janela de seu apartamento no 10º andar; ou, ainda, por que um padre acende as seis bocas do fogão na cozinha de um colégio, deitando-se sobre elas, carbonizando-se, não é, absolutamente, tarefa fácil.

Foi numa tentativa de elucidar alguns fatores que possam estar em jogo na vivência dessas pessoas, no momento em que decidem se matar, que esta pesquisa sobre as mensagens de adeus se desenvolveu.

Este trabalho é uma tentativa de interpretação do fenômeno do suicídio, analisando a parcela específica da população suicida que deixa notas de despedida, dentro de uma abordagem social, utilizando o mundo conceitual antropológico e psicanalítico.

Como objetivo mais específico, propõe-se a análise do discurso suicida por meio das mensagens de adeus deixadas em forma de bilhetes, cartas ou fitas de áudio, materiais entendidos como documentos que reconstróem o diálogo entre o indivíduo e seu grupo social no período da ocorrência. Tal análise recorrerá, também, a conceitos da Psicanálise – como o de narcisismo, identificação e luto, entre outros –, para o enriquecimento da interpretação do imaginário suicida desses documentos. Embora se possa supor que a população que deixa mensagens antes do ato suicida tenha algumas características particulares, as quais a diferencia da população suicida mais ampla, entendo que muitos traços encontrados nesta análise tenham abrangência suficiente para serem considerados comuns à população suicida em geral.

O meu interesse pelo tema surgiu no curso de pós-graduação, no qual minha preocupação era eleger uma problemática de pesquisa que pudesse se circunscrever dentro da área clínica e, ao mesmo tempo, nas Ciências Sociais. Paralelamente ao trabalho de consultório – onde eu atendia em psicoterapia clientes individuais, casais e famílias, que não tinham necessariamente um histórico suicida, mas que traziam, inúmeras vezes, problemáticas relacionadas à morte, perdas e lutos –, eu lecionava, no terceiro grau, cursos relacionados com a área de Antropologia. Optei, então, por investigar as notas suicidas, chamando-as de “mensagens ou testemunhos de adeus”. Assim nasceu este trabalho.

Dessa forma, foi realizada uma pesquisa da literatura existente; depois de feita a compilação das mensagens deixadas pelos suicidas, obtidas durante os anos de 1986-1987 no Instituto de Criminalística de São Paulo, encaminhei a reflexão sobre o material. Caso o leitor

se interesse por uma apresentação mais detalhada sobre a população da amostra utilizada na pesquisa, ou em ter acesso a um material um pouco mais extenso sobre esses documentos (mensagens de adeus), deve procurar a íntegra da dissertação de mestrado na biblioteca de pós-graduação da PUC-SP. Nela também se encontra uma análise crítica mais cuidadosa sobre a obra do sociólogo francês Émile Durkheim intitulada *O suicídio*.

No decorrer da pesquisa, permaneci por quatro meses no grupo de trabalho do Centro de Valorização da Vida (CVV) – Samaritanos de São Paulo, entre o curso de formação e atuação como plantonista.

Fica, então, o desejo de que o leitor possa, comigo, realizar este percurso e de que este trabalho contribua para o entendimento do fenômeno do suicídio dentro de uma visão mais dialética da realidade.



O fenômeno do suicídio pode apresentar-se com a roupagem de uma época, de uma cultura, mas há algo nele de universal: o sofrimento humano. Muitos gostariam de encontrar um mundo novo e em postura de recusa ao vivido, o indivíduo suicida decide morrer. Este livro expõe os achados de uma pesquisa que buscou escutar essas pessoas, na cidade de São Paulo. O que leva tantos indivíduos a abreviar a própria vida? Em busca de respostas, a psicóloga e antropóloga Maria Luiza Dias analisou as chamadas “mensagens de adeus” – bilhetes, cartas, fitas de áudio deixadas por suicidas. Nesses testemunhos (que o livro traz na íntegra) manifesta-se o desespero de quem não encontra nada mais a fazer de sua existência. No ápice de um comportamento autodestrutivo, desejam ativamente morrer. Mas *Suicídio e os testemunhos de adeus* mostra que não é possível falar da morte sem antes pensar na vida – e assim examina, de forma extremamente original, as relações humanas, nas quais o suicídio emerge como um ato de linguagem, de comunicação.

Uma obra de impacto, contundente e instigante.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2380-1

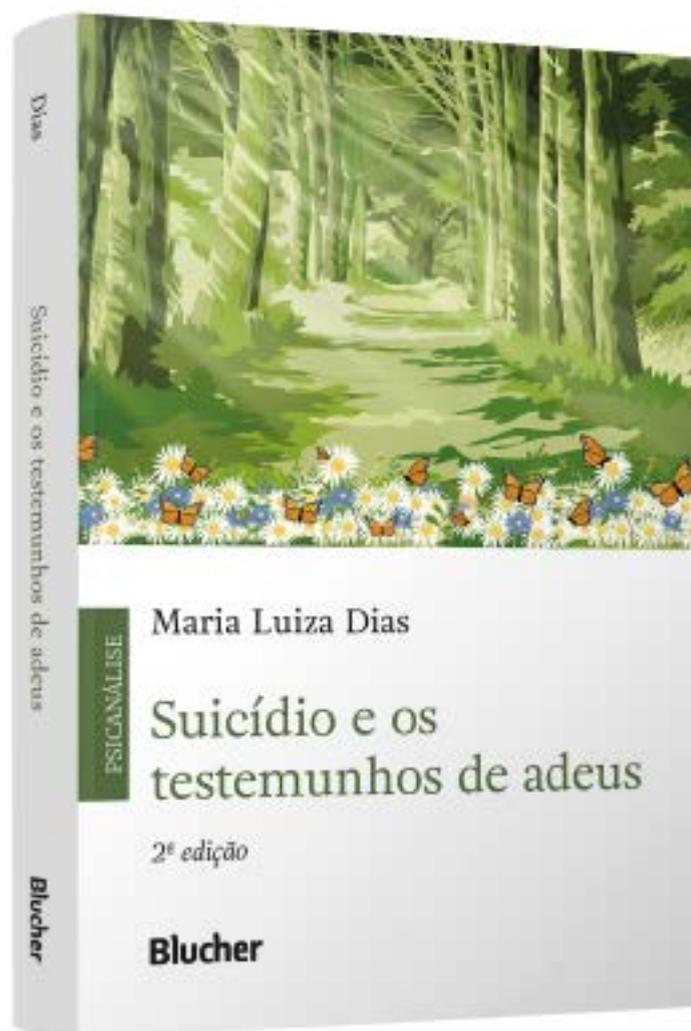


9 788521 223801



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Suicídio e os testemunhos de adeus

Maria Luiza Dias

ISBN: 9788521223801

Páginas: 304

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
